



Acta Scientiarum. Health Sciences

ISSN: 1679-9291

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Barden da Silva de Paula, Kamylla; Araujo da Cruz-Silva, Claudia Tatiana
Formas de uso medicinal da babosa e camomila pela população urbana de Cascavel, Estado do Paraná

Acta Scientiarum. Health Sciences, vol. 32, núm. 2, 2010, pp. 169-176
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307226627008>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Formas de uso medicinal da babosa e camomila pela população urbana de Cascavel, Estado do Paraná

Kamylla Barden da Silva de Paula¹ e Claudia Tatiana Araujo da Cruz-Silva^{2*}

¹Universidade Paranaense, Cascavel, Paraná, Brasil. ²Faculdade Assis Gurgacz, Rua Marechal Cândido Rondon, 1801, 85801-170, Cascavel, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: claudiacruz@fag.edu.br

RESUMO. A etnobotânica se caracteriza por buscar entender a relação entre as plantas e o homem, podendo-se através desta conhecer a utilização das plantas medicinais como forma de tratamento. O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento sobre as formas de utilização da Babosa (*Aloe vera L.*) e da Camomila (*Matricaria chamomilla L.*). A coleta de dados envolveu entrevistas de forma aleatória a 400 pessoas, através de um questionário semi-estruturado, no município de Cascavel, Estado do Paraná. Observou-se que 65% da população utilizam à babosa ou a camomila na cura ou alívio de doenças. A maioria dos entrevistados possui renda de 2 a 4 salários mínimos (60,25%), idade entre 28 a 38 anos (30,75%), tendo concluído o ensino médio (33,75%). O principal motivo pelo qual a população se utiliza de plantas medicinais é por ser natural (71,84%). A forma de preparo mais freqüente da camomila foi por infusão (63,38%), utilizando as flores (92%). Para a babosa 100% utilizam suas folhas na forma de cataplasma (43,88%). Apenas 3% da população relataram ter apresentado algum tipo de reação adversa, durante o período de utilização. Conclui-se que o uso destas plantas pela população é freqüente, sendo um recurso adicional ao uso de medicamentos.

Palavras-chave: *Aloe vera L.*, *Matricaria chamomilla L.*, etnobotânica, plantas medicinais.

ABSTRACT. Medicinal use of the Aloe and Chamomile for the urban population of Cascavel, Paraná State. The ethnobotany, which is characterized by look for to understand the relationship between the plants and the man, being been able through this to know the use of the medicinal plants as treatment. The objective of this work was to accomplish a rising on the forms of use of the Aloe (*Aloe vera L.*) and of the Chamomile (*Matricaria chamomilla L.*). The collection of data involved interviews in a random way to a sample of 400 people through a semi-structured questionnaire, in the city of Cascavel, Paraná State. It was observed that 65% of the population use to aloe or the chamomile in the cure or relief of diseases. Most of the interviewees possesses income from 2 to 4 minimum wages (60.25%), age between 28 to 38 years (30.75%), having concluded the high school (33.75%). The main reason for which the population is used of medicinal plants is for being natural (71.84%). The form of more frequent preparation of the chamomile was for infusion (63.38%), using the flowers (92%). To the aloe, 100% uses their leaves in the cataplasm form (43.88%). Only 3% of the population told to have presented some type of adverse reaction, during the use period. Is it concluded ended that the use of these plants for the population is frequent, being an additional resource to the use of medicines.

Key words: *Aloe vera L.*, *Matricaria chamomilla L.*, ethnobotany, medicinal plants.

Introdução

O Brasil é o país que detém a maior parcela da biodiversidade de plantas medicinais no mundo, além de um considerável conhecimento tradicional sobre as mesmas, o qual é passado de geração à geração (LEÃO et al., 2007). Toda sociedade humana acumula um acervo de informações sobre o ambiente que a cerca, incluindo o uso de plantas medicinais; o que vai lhe possibilitar interagir para prover suas necessidades referente ao uso destas plantas (AMOROZO, 1996).

O homem primitivo sempre buscou a natureza

para alimentar-se, solucionar seus males de saúde, ou ainda, para afastar espíritos malignos que, na sua concepção, habitavam o interior dos homens e animais (FARIA et al., 2004). Com o desenvolvimento da tecnologia aliado ao interesse em se confirmar o conhecimento em medicina popular, as plantas medicinais têm tido seu valor terapêutico pesquisado mais intensamente pela ciência (ARNOUS et al., 2005). O conhecimento sobre o uso de plantas medicinais tem merecido cada vez mais atenção, devido à gama de informações e

esclarecimentos que fornecem a ciência contemporânea (FRANCO; BARROS, 2006).

Nesse contexto se destaca a etnobotânica, como sendo a ciência que estuda e interpreta a história e a relação das plantas nas sociedades (ALBUQUERQUE, 2002). Etnobotânica é a ciência que se ocupa do conhecimento e das conceituações desenvolvidas pelas sociedades a respeito do mundo vegetal, o qual engloba tanto à maneira como as plantas são classificadas como a sua utilização (AMOROZO, 1996).

Esta apresenta como característica básica de estudo o contato direto com as populações tradicionais, procurando uma aproximação e vivência que permitam conquistar a confiança das mesmas, resgatando, assim, todo conhecimento possível sobre a relação de afinidade entre o homem e as plantas de uma comunidade (RODRIGUES; CARVALHO, 2001).

A importância das informações etnobotânicas para o homem consiste no conhecimento de dados populares, os quais podem estar restritos a determinadas pessoas ou regiões (MARTINS et al., 2005).

Devido ao grande interesse da população em cada vez mais utilizar plantas medicinais na cura de doenças é que se justifica a importância deste estudo, para que além do resgate cultural, haja retorno para a população sobre a forma correta de utilizá-las.

Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo, realizar um levantamento etnobotânico sobre as formas de utilização da babosa (*Aloe vera L.*) e da camomila (*Matricaria chamomilla L.*) pela população de Cascavel, Estado do Paraná.

Material e métodos

A pesquisa foi realizada no município de Cascavel, Estado do Paraná, o qual se situa no oeste paranaense, entre as latitudes Sul 24°58' e longitude Oeste 53°27', com uma área de 2.112,85 km² (Figura 1). Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), por meio do Censo Demográfico em 2007, Cascavel possuía uma população de 285.784 habitantes.

Pesquisas preliminares mostram que o uso de plantas medicinais pela população de Cascavel é frequente, principalmente associado a população mais carente. Sendo a babosa e a camomila plantas utilizadas comumente na medicina caseira, estas foram escolhidas para serem alvo deste levantamento.

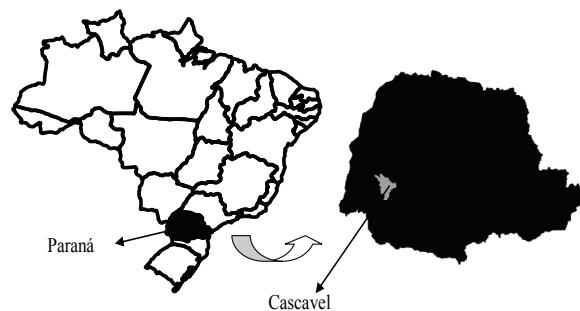


Figura 1. Localização da área de estudo.

O levantamento etnobotânico, foi realizado através de entrevistas aleatórias, com participantes com idade superior a 18 anos, de ambos os sexos. Para tanto, foi utilizado um questionário semi-estruturado modificado a partir de Viganó et al. (2007) (Anexo 1) que abordou o conhecimento tradicional de moradores da região a respeito da utilização da camomila e da babosa para fins medicinais. Nas visitas as residências, foram identificadas as espécies para os entrevistados, por meio de material herborizado e imagens.

As questões foram relacionadas à utilização dessas plantas na cura de enfermidades, forma de uso, preparo e a parte da planta utilizada, sendo abordado também dados sócio-econômicos.

O cálculo para amostragem da população entrevistada, foi realizado de acordo com a fórmula proposta por Stevenson (2001) para que a pesquisa apresentasse um erro de 5%. Desta forma delimitou-se o número de 400 questionários a serem aplicados na região urbana, durante os meses de setembro a outubro de 2007.

Antes de iniciar as pesquisas o projeto passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Unipar.

Resultados e discussão

A partir da análise dos dados levantados junto à população de Cascavel, Estado do Paraná, verificou-se que 65% dos entrevistados, utilizam-se da camomila (*Matricaria chamomilla L.*) e/ou da babosa (*Aloe vera L.*) para cura e prevenção de doenças (Figura 2).

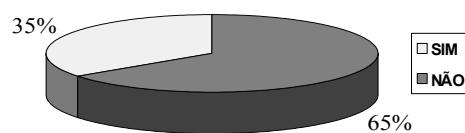


Figura 2. Percentual de utilização das plantas medicinais camomila e babosa pelos entrevistados.

Dos entrevistados 53% foram do sexo feminino e 47% do sexo masculino. Martinazzo e Martins

(2004) em sua pesquisa realizada na região oeste de Cascavel, Estado do Paraná com uma amostra de 470 pessoas também obteve um percentual mais elevado para representantes do sexo feminino (67%). Segundo Borba e Macedo (2006) em relação ao sexo, as mulheres possuem maior conhecimento do uso de plantas medicinais, principalmente quando estes são encontrados próximos aos domicílios.

A Figura 3 representa a idade das pessoas entrevistadas, onde 24,5% estão entre 18-28 anos; 30,75% com idade entre 29-38 anos, caracterizando a faixa etária mais representativa; 21,75% com idade entre 39-48 anos; 14% com idade entre 49-58 anos; 5,25% com idade entre 59-68 anos; 2,5% com idade entre 69-78 anos e a de menor representatividade, com apenas 1,25%, indivíduos com idade entre 79-88 anos; demonstrando assim uma grande diversidade de idade entre os entrevistados, sendo a maioria em idade considerada economicamente ativa.

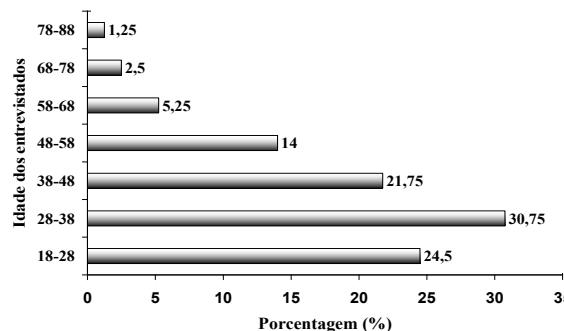


Figura 3. Faixa etária dos entrevistados.

Com relação ao nível de escolaridade, verificou-se que apenas 1% nunca estudou. Entretanto, 21,25% não concluíram o Ensino Fundamental; 12,5% concluíram o Ensino Fundamental; 7,5% não concluíram o Ensino Médio e 33,75% concluíram o Ensino Médio. Um número menor de entrevistados estão cursando a graduação (11,25%); 8% com Graduação Completa; 1,25% estão cursando Pós-Graduação e 3,5% possuem Pós-Graduação (Figura 4), o que demonstra que grande parte das pessoas não tem acesso ao ensino de 3º grau.

Em uma pesquisa realizada em Ponta Porã, Estado do Mato Grosso do Sul por Pereira et al. (2009), observaram que 7% não tinham nenhuma educação formal, 90% possuíam o 1º grau e 5% apresentavam o 2º grau.

Dos entrevistados 60,25% possuem uma renda familiar entre 2 a 4 salários mínimos; 22,5% possuem renda familiar de 5 a 6 salários; 9,5% recebem até 1 salário mínimo; 6,5% recebem de 8 a 10 salários mínimos e 1,25% possuem renda familiar de mais de 10 salários mínimos (Figura 5).

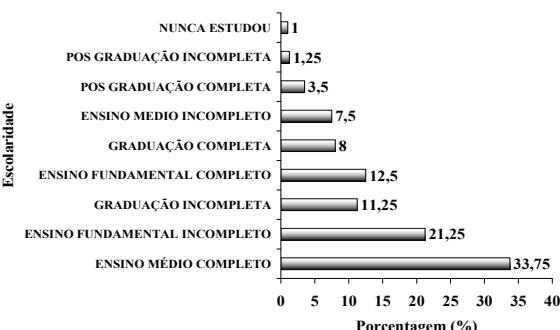


Figura 4. Nível de escolaridade dos entrevistados.

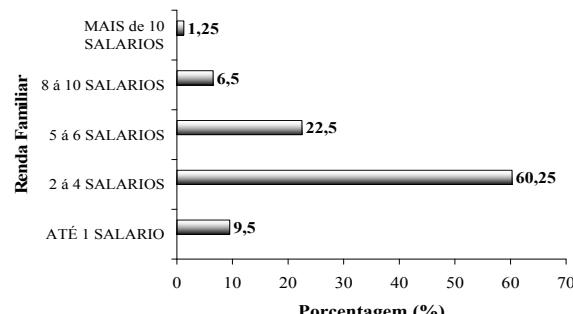


Figura 5. Renda dos entrevistados.

Rodrigues e Guedes (2006) enfatizam que o poder aquisitivo das pessoas é baixo e a qualidade de vida abaixo da ideal, ficando difícil cobrir as despesas e, principalmente comprar medicamentos. Fato também relatado por Viganó et al. (2007) que observaram que o uso das plantas medicinais em função do alto custo dos medicamentos se torna uma fonte alternativa para o tratamento de doenças.

Com relação à frequência de uso das plantas pelos entrevistados 25% utilizam a camomila e a babosa quando necessitam; 20% utilizam todos os dias; 19,62% utilizam mais de uma vez por mês; 13,07% uma vez por semana; 11,92% mais de uma vez por semana e 10,39% uma vez por mês (Figura 6).

Com base no uso contínuo de plantas medicinais Martins et al. (2000) dizem que deve ser evitado e recomenda o uso máximo entre 21 e 30 dias, com um período de 4 a 7 dias de intervalo para que o organismo desacostume e o vegetal atue com eficácia.

Silva et al. (1995) revela que a população se utiliza indiscriminadamente das plantas medicinais devido ao desconhecimento de existência de toxicidade. O que segundo Navarro Moll (2000) é um fato preocupante a maioria das pessoas acreditarem que as plantas medicinais são destituídas de qualquer efeito secundário tóxico, reações adversas, contraindicações, já que estudos vêm demonstrando o potencial de toxicidade para várias espécies.

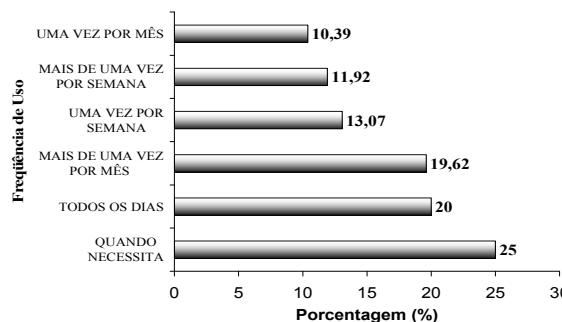


Figura 6. Frequência de utilização da camomila e babosa pelos entrevistados.

Com relação ao motivo pelo qual os entrevistados utilizam as plantas medicinais citadas na cura de doenças, 71,84% relatam por ser natural; ambos com 8,23% pela ausência de efeitos colaterais e devido ao baixo custo; 7,9% pela facilidade de acesso e 3,8 pela eficiência (Figura 7).

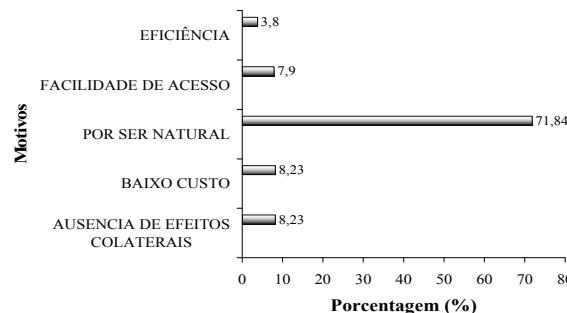


Figura 7. Motivo da utilização da camomila e babosa pelos entrevistados.

No trabalho realizado por Martinazzo e Martins (2004) prevaleceu o uso das plantas medicinais relacionadas a tradição familiar com 46,5%, seguido pela ausência de efeitos colaterais (30,2%), 10,9% baixo custo e 10,1% outros.

Rodrigues e Carvalho (2001) em levantamento etnobotânico na região do Alto Rio Grande, Estado de Minas Gerais relatam que o uso de plantas ocorre em função do preço elevado dos medicamentos sintéticos, anseio pelo bem-estar e cura mais rápida das enfermidades, bem como, por irritações causadas no organismo pelo uso constante dos medicamentos sintéticos.

A maioria dos entrevistados obtém as orientações sobre a forma correta de utilização através de amigos e familiares (50,78%); 29,95% por meio da pastoral; 16,67% através de livros; 1,04% cursos; 1,04% farmácias e 0,52% por meio dos médicos (Figura 8).

Martins et al. (2005) destacam a transmissão do conhecimento sobre plantas (etnobotânica) como uma importante fonte de informação para o homem, podendo-se por meio dela conhecer dados que são

restritos a determinadas populações e regiões. O repasse do conhecimento sobre a utilização de plantas valoriza o conhecimento tradicional dos povos possibilitando assim o entendimento de suas culturas e a forma que utilizam as plantas medicinais.

Para Negrelle et al. (2007) nenhum entrevistado indicou a utilização de plantas medicinais através de orientação médica, 92% por meio de familiares ou amigos, 2% por meio de livros e 8% através de autoconhecimento.

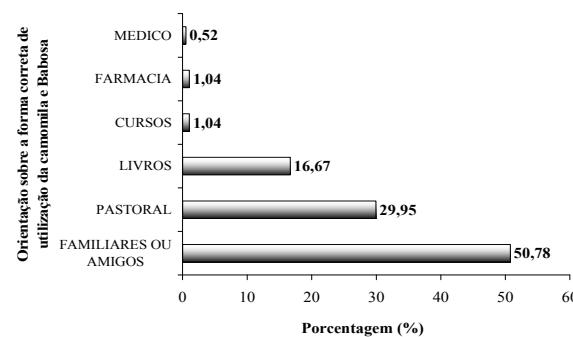


Figura 8. Modo de orientação para a utilização da camomila e da babosa pelos entrevistados.

Em relação a casos de reações adversas 3% dos entrevistados apresentaram coceira e ardência no couro cabeludo, dores estomacais, ânsia e falta de ar durante a utilização da babosa. Não sendo registrados reações adversas ao uso da camomila (Figura 9).

No entanto é possível verificar que muitas pessoas relacionam o fato de que se é natural não faz mal e não se preocupam com as consequências, pois algumas plantas medicinais quando utilizadas de forma errônea podem causar reações adversas. Contudo à maioria dos entrevistados obteve eficácia (97%).

Viganó et al. (2007) em sua pesquisa observaram que 4% dos entrevistados apresentaram reações adversas, sendo que o restante da população teve ação no tratamento. Enfatizando que no referido trabalho não houve a citação de nenhuma reação à babosa e com a camomila relataram sentir mal estar ao ingerir o chá quente. Segundo Dorigoni et al. (2001) muitas vezes a ocorrência de reações adversas pode ser explicada pela falta de uma padronização da dosagem.

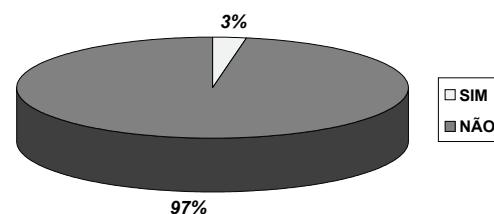


Figura 9. Desenvolvimento de alguma reação adversa pelo uso da babosa.

Quanto à parte do vegetal utilizada pelos entrevistados 92% utilizam a flor (capítulo floral) da camomila, 7% a parte aérea e 1% utilizam as folhas (Figura 10). Constatou-se que a maior parte dos entrevistados estão utilizando o órgão correto da camomila. Segundo Lorenzi e Matos (2002) a parte usada para fins terapêuticos é constituída dos capítulos florais secos ao ar e conservada ao abrigo da luz, sendo seus principais constituintes químicos o óleo essencial contendo camazuleno, matricia, bisabolol (antiinflamatório), flavonóides e colina.

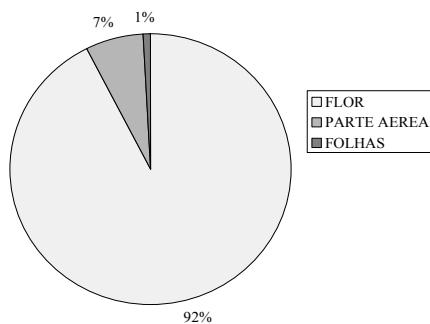


Figura 10. Partes da camomila utilizadas pelos entrevistados.

Para a babosa 100% utilizam as folhas. O interior de suas folhas é constituído de um tecido parenquimático rico em polissacarídeos (mucilagem), que lhe confere uma consistência viscosa (baba), de onde surgiu o nome de babosa. Nessa mucilagem encontra-se se princípios ativos, que são constituídos de tecidos orgânicos, enzimas, vitaminas, sais minerais e aminoácidos (BACH; LOPES, 2007).

Dentre as formas de preparo da camomila citadas pelos entrevistados, prevaleceu os chás por infusão com 63,38% que evidencia a forma correta de uso; 14,79% por decocção e 21,83% no chimarrão (Figura 11).

Quanto à prática do preparo do chá por infusão Martins et al. (2000) a considera apropriada, pois somente as partes duras das plantas (raiz, caule e casca) devem ser preparadas pelo método de decocção (ARNOUS et al., 2005). Com relação ao uso da planta no chimarrão Simões et al. (1998) apud Dorigoni et al. (2001) consideram uma prática inadequada, devido nem sempre o processo de preparação indicado ser o mesmo para plantas diferentes.

Para a babosa 43,88% dos entrevistados a utilizam na forma de cataplasma; 26,62% macerada; 11,52 tritaram no liquidificador com mel e pinga; 10,07% a utilizam *in natura*, cortada ao meio sobre o ferimento; 6,47% em forma de raspagem e 1,44% em infusão (Figura 12).

Silva et al. (1995) indica a raspa da mucilagem quando usado como cicatrizante. Martins et al. (2000) para queimaduras indica utilizar a babosa em forma de cataplasma e o suco como anti-helmíntico.

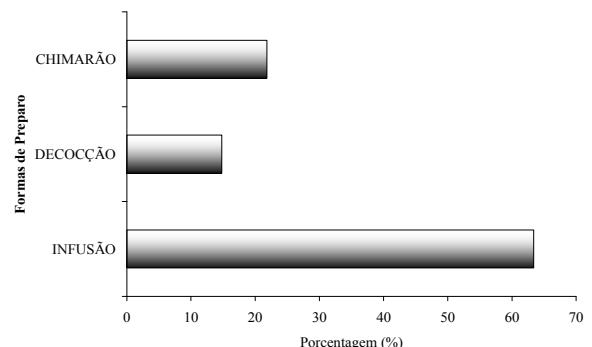


Figura 11. Formas de preparo da camomila citadas pelos entrevistados.

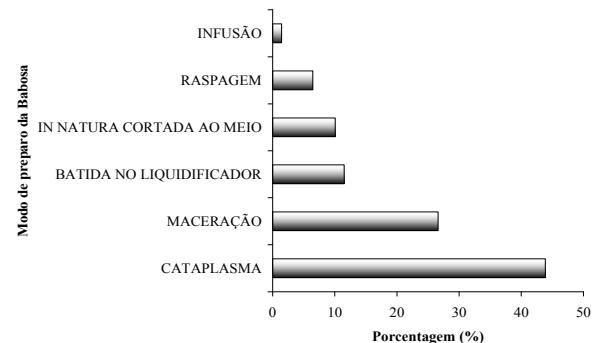


Figura 12. Formas de preparo da babosa citadas pelos entrevistados.

A maioria dos entrevistados obtém a camomila em farmácias 32,53%; seguido pelo cultivo próprio com 28,52%; 15,66% em mercados; 14,05% por meio de familiares e amigos; 4,82% em feiras e 4,42 através da pastoral (Figura 13). Já a babosa, 46,4% através de familiares os amigos; 44,8% cultivo próprio; 5,6% por meio da pastoral e 3,2% em feiras (Figura 14).

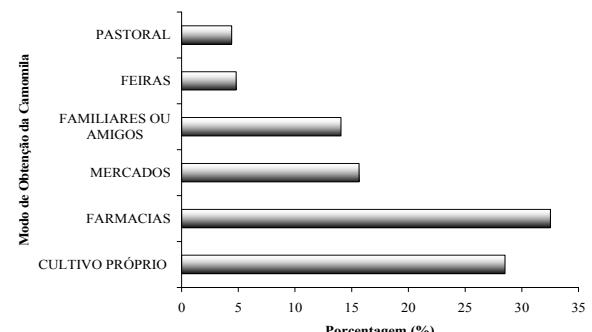


Figura 13. Modo de obtenção da camomila pelos entrevistados.

Verifica-se que a obtenção por meio do cultivo próprio ou de familiares e amigos é bastante comum, caracterizando o fácil acesso as plantas medicinais. Essa característica de contato com as plantas é também citada em vários trabalhos: em São Jorge d'Oeste, Estado do Paraná, 80% dos entrevistados cultivam as plantas que utilizam (BULIGON et al., 2007).

As indicações terapêuticas citadas para a camomila pelos entrevistados foram 42,95% a utilizam como calmante; 21,02% para dar sabor ao chimarrão; 18,32% para dores estomacais; 3,6% para cólicas; 3,3% como digestivo; 3% para clarear os cabelos; 2,4% para resfriados e 5,41% em outras situações (febre, aftas e fígado) (Figura 15).

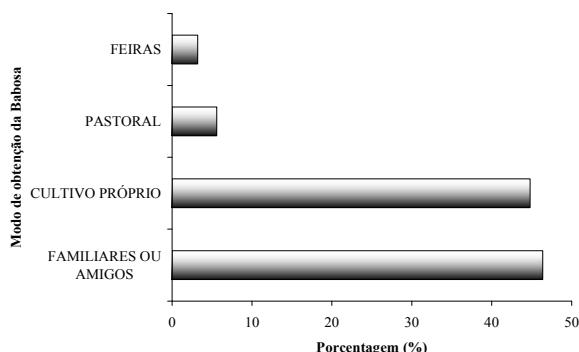


Figura 14. Modo de obtenção da babosa pelos entrevistados.

Silva et al. (1995) relatam que a camomila é indicada para combater gases intestinais, cólicas, relaxante, febre, digestivo e para alergias. Martins et al. (2000) indica a camomila como antiinflamatório, analgésico, antiespasmódica e cicatrizante, mostrando que também em Cascavel a maior parte da população está usando as espécies citadas para o tratamento dos sintomas de forma correta.

Martinazzo e Martins (2004) em seu trabalho obteve a camomila entre as dez plantas mais citadas, sendo utilizada para calmante, digestivo, cólicas e antiflatulento. A camomila também apareceu como uma das plantas mais citada em trabalhos realizados em Umuarama, Estado do Paraná (CORTEZ et al., 1999), Chapada dos Guimarães, Estado do Mato Grosso (BORBA; MACEDO, 2006) Três Barras do Paraná, Estado do Paraná (VIGANÓ et al., 2007); e em Quedas do Iguaçu, Estado do Paraná (CRUZ-SILVA et al., 2009).

Para a babosa as indicações terapêuticas citadas foram: 42% a utilizam na hidratação capilar; 22,5% como cicatrizante; 15% em queimaduras; 5% na cura e prevenção de tumores; 4,2% em infecções; 3,5% anticaspas; 2% aftas; 2,3% úlceras e 3,5% em outras indicações (prisão de ventre, reumatismo, rachaduras) (Figura 16). Lorenzi e Matos (2002) relatam que o

sumo mucilaginoso das folhas da babosa possui atividade fortemente cicatrizante e uma boa ação antimicrobiana sobre bactérias e fungos.

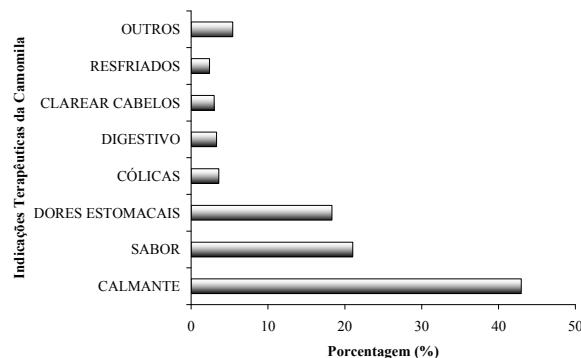


Figura 15. Indicações terapêuticas da camomila.

Em trabalho realizado por Fuck et al. (2005) a população de Bandeirantes, Estado do Paraná relatou fazer uso oral da babosa para gastrite após deixar um pedaço da folha imersa em água. Casarin et al. (2005) em pesquisa realizada em uma unidade de oncologia do Sul do Brasil, constatou na abordagem em relação ao tipo de terapia alternativa que utilizavam para a cura do câncer uma variedade de práticas auxiliares dentre elas a utilização da babosa.

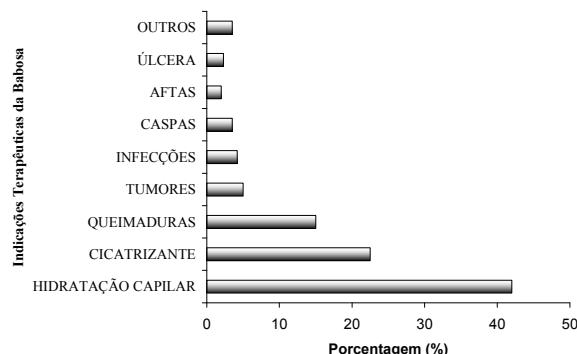


Figura 16. Indicações terapêuticas da babosa.

Conclusão

Considerando os dados levantados neste trabalho de pesquisa junto à população urbana cascavelense pode se verificar que a babosa e a camomila são utilizadas corretamente por grande parte da população na cura de enfermidades. A utilização das plantas esta associada a estas serem um recurso natural, sendo o seu uso baseado no conhecimento de familiares e amigos, o que reforça a transmissão da informação de geração a geração.

As plantas medicinais se apresentam de fácil obtenção, pois geralmente são cultivadas no quintal de casa ou de familiares e amigos. A parte do vegetal mais utilizada é a folha para a babosa e a flor para a

camomila, provavelmente em função da facilidade de coleta e preparo, bem como, da parte utilizada associada a eficácia no tratamento.

Referências

- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. Recife: Bagaço, 2002.
- AMOROZO, M. C. M. A Abordagem Etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (Org.). **Plantas Medicinais: arte e ciência. Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Unesp, 1996. p. 47-68.
- ARNOUS, A. H.; SANTOS, A. S.; BEINNER, R. P. C. Plantas medicinais de uso caseiro – conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. **Revista Espaço para a Saúde**, v. 6, n. 2, p. 1-6, 2005.
- BACH, D. B.; LOPES, M. A. Estudo da viabilidade econômica do cultivo da babosa (*Aloe vera L.*). **Ciência e Agrotecnologia**, v. 31, n. 4, p. 1136-1144, 2007.
- BORBA, A. M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasílica**, v. 20, n. 4, p. 771-782, 2006.
- BULIGON, C. Z. T.; DAHMER, C.; D'AGOSTINI, D.; SANTOS, J. A. R.; PAGNUSSAT, M. M.; OLDONI, S. J.; PAGNUSSAT, S.; TAFAREL, I. R.; NICARETA, C. Avaliação do uso de plantas medicinais no município de São Jorge D'Oeste – PR. **Biology and Health Journal**, v. 1, n. 1-2, p. 33-46, 2007.
- CASARIN, S. T.; HECK, R. M.; SCHWARTZ, E. O uso de práticas alternativas sob a ótica do paciente oncológico e sua família. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, v. 7, n. 1, p. 24-31, 2005.
- CORTEZ, L. E. R.; JACOMOSSI, E.; CORTEZ, D. A. G. Levantamento das plantas medicinais utilizadas na medicina popular de Umuarama, PR. **Arquivos de Ciências e Saúde da Unipar**, v. 3, n. 2, p. 97-104, 1999.
- CRUZ-SILVA, C. T. A.; CAMPELO, A. M.; PELINSON, A. P. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na região urbana no município de Quedas do Iguaçu, Paraná. **Cultivando o Saber**, v. 2, n. 1, p. 14-25, 2009.
- DORIGONI, P. A.; GHEDINI, P. C.; FRÓES, L. F.; BAPTISTA, K. C.; ETHUR, A. B. M.; BATDISSEROTTO, B.; BURGUER, M. E.; ALMEIDA, C. E.; LOPES, A. M. V.; ZÁCHIA, R. A. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular do município de Polêsine, RS, Brasil. I – Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 4, n. 1, p. 69-79, 2001.
- FARIA, P. G.; AYRES, A.; TITONELLI ALVIM, N. A. O diálogo com gestantes sobre plantas medicinais: contribuições para os cuidados básicos de saúde. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, v. 26, n. 2, p. 287-294, 2004.
- FRANCO, E. A. P.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água do Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 8, n. 3, p. 78-88, 2006.
- FUCK, S. B.; ATHANÁZIO, J. C.; LIMA, C. B.; MING, L. C. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por moradores da área urbana de Bandeirantes, PR, Brasil. **Semina: Ciências Agrárias**, v. 26, n. 3, p. 291-296, 2005.
- IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 30 set. 2009.
- LEÃO, R. B. A.; FERREIRA, M. R. C.; JARDIM, M. A. G. Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 88, n. 1, p. 21-25, 2007.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas Medicinais no Brasil Nativas e exóticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2002.
- MARTINAZZO, A. P.; MARTINS, T. Plantas medicinais utilizadas pela população de Cascavel/PR. **Arquivo de Ciências e Saúde da Unipar**, v. 8, n. 1, p. 3-5, 2004.
- MARTINS, A. G.; ROSÁRIO, D. L.; BARROS, M. N.; JARDIM, M. A. G. Levantamento Etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 86, n. 1, p. 21-30, 2005.
- MARTINS, E. R.; CASTRO, D. M.; CASTELLANI, D. C.; DIAS, J. E. **Plantas Medicinais**. Viçosa: UFV, 2000.
- NAVARRO MOLL, M. C. Uso racional de las plantas medicinales. **Pharmaceutical Care Espana**, v. 2, n. 2, p. 9-19, 2000.
- NEGRELLE, R. R. B.; TOMAZZONI, M. I.; CECCON, M. F.; VALENTE, T. P. Estudo etnobotânico junto à Unidade Saúde da Família Nossa Senhora dos Navegantes: subsídios para o estabelecimento de programa de fitoterápicos na rede básica de saúde do município de Cascavel (Paraná). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 9, n. 3, p. 6-22, 2007.
- PEREIRA, Z. V.; MUSSURY, R. M.; ALMEIDA, A. B.; SANGALLI, A. Medicinal plants used by Ponta Porá community, Mato Grosso do Sul State. **Acta Scientiarum. Biological Sciences**, v. 31, n. 3, p. 293-299, 2009.
- RODRIGUES, A. C. C.; GUEDES, M. L. S. Utilização de plantas medicinais no povoado de sapucaia, cruz das almas – Bahia. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 8, n. 2, p. 1-7, 2006.
- RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do Alto Rio Grande, Minas Gerais. **Ciência e Agrotecnologia**, v. 25, n. 1, p. 102-123, 2001.

SILVA, I.; FRANCO, S. L.; MOLINARI, S. L.; CONEGERO, C. I.; MIRANDA NETO, M. H.; CARDOSO, M. L. C.; SANTIANA, D. M. G.; IWANKO, N. S. **Noções sobre o organismo humano e utilização de plantas medicinais.** Cascavel: Assoeste, 1995.

STEVENSON, W. J. **Estatística Aplicada a Administração.** São Paulo: Harbra, 2001.

VIGANÓ, J.; VIGANÓ, J. A.; CRUZ-SILVA, C. T. A. Utilização de plantas medicinais pela população da região

urbana de Três barras do Paraná. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, v. 29, n. 1, p. 51-58, 2007.

Received on March 2, 2009.

Accepted on November 17, 2009.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.